



GRAZIELA FERNANDES DE OLIVEIRA

**LUTAR E RESISTIR: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS
ARTES MARCIAIS NO RECORTE DE GÊNERO.**

LAVRAS - MG

2023



GRAZIELA FERNANDES DE OLIVEIRA

**LUTAR E RESISTIR: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS
ARTES MARCIAIS NO RECORTE DE GÊNERO.**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Educação Física, para a obtenção do título de Licenciado.

PROF. DR. FÁBIO PINTO GONÇALVES DOS REIS

Orientador

LAVRAS – MG

2023

À memória de meu avô, João Orlando de Oliveira, falecido em dezembro de 2021, que me motiva todos os dias, mesmo não estando presente em corpo.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Expresso minha mais profunda gratidão a minha família, por todo o apoio e por sempre acreditarem de que um dia eu estaria exatamente no lugar em que estou.

Agradeço ao meu vózinho, pela cor de pele, por me ensinar que uma luta começa assim que você nasce. Sou grata por ter acompanhado grande parte do meu processo acadêmico e se fazer presente até hoje em minha memória, mesmo não estando mais em vida.

Aos meus pais, pela criação e por nunca terem desistido de me motivar, mesmo em tempos sombrios e difíceis. Em especial, minha mãe, a maior imagem feminina que tenho como referência. Agradeço por ser forte e me passar valores que dinheiro nenhum nesse mundo compraria.

Aos meus colegas de curso, que de alguma forma, me ajudaram a chegar até aqui. Sem eles, de nada valeria tanto conhecimento. Em especial meus amigos Alice e João Vitor, por estarem comigo do começo ao fim. É uma honra dividir a mesma profissão que vocês.

Aos meus amigos, Livia, Murilo e Vitória, que me acompanham desde o ensino fundamental, que compartilharam comigo todos nossos ideais de sonhos e metas. Há 6 anos atrás estávamos terminando o ensino médio e preocupados com nosso futuro. E olha onde chegamos.

A minha amiga, Suelen. Por ser meu apoio em Lavras, mesmo quando não está aqui. Por me incentivar e dividir minha bagunça universitária comigo. Muito obrigada, mesmo.

Agradeço a minha segunda família, minha república CaiPiradas, no qual me orgulho e tenho um amor imensurável. Grata por me acolherem e por mudarem minha vida em quase 5 anos. Não há palavras nesse mundo que expressam o carinho e o cuidado que tenho por essas meninas!

A Universidade Federal de Lavras, pela oportunidade e qualidade de educação. Por conceder minha entrada no curso de Educação Física e ter a oportunidade de me reinventar inúmeras vezes.

Ao meu professor e orientador Fábio, por não desistir de mim e por compartilhar comigo tanto conhecimento. Gratidão por me guiar desde quando entrei na universidade e confiar em todo meu trabalho até aqui. Nunca vou conseguir agradecer por tanto.

Aos meus senseis, Carlos Godoy, Alexandre e Marcus Alves, por acreditarem no meu amor pelo judô, na minha admiração pelas lutas e por me enxergarem além de um gênero. Sem eles, esse trabalho não faria sentido. E um agradecimento especial para todos meus colegas de treino, que contribuíram para meu desenvolvimento no judô.

Não há nada sob o sol maior que a educação. Ao educar um indivíduo e inseri-lo na sociedade de sua geração, dá-se uma contribuição que estenderá por centenas de gerações futuras.

- Jigoro Kano (1934)

RESUMO

Visando a atual sociedade contemporânea, é visível que o papel da mulher em muitos espaços é reduzido e rotulado a coisas e afazeres específicos. Essa tal problemática é fruto de um processo histórico e cultural que existe a muitos anos. E no esporte não é diferente. Partindo disso, esse estudo tem como objetivo analisar o contexto histórico das artes marciais e de que forma as mulheres foram ganhando seu espaço nesse meio, refletir sobre suas representações sociais e todo o processo de luta que as mulheres passam até hoje para se encaixarem em uma prática considerada masculina. Conta também com o conhecimento da história de grandes nomes femininos nas artes marciais e de que forma a mídia pode contribuir ou não para a representatividade das mulheres. Deste modo, levando em consideração a realidade em que vivemos, usou-se uma pergunta como guia dessa pesquisa: quem são essas mulheres que lutam e quais são suas representações sociais nas artes marciais? Para isso, foi realizada uma pesquisa com abordagem qualitativa e de caráter exploratório, usando como procedimento o estudo de campo, onde foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis lutadoras de três modalidades diferentes. Para a análise dos dados coletados foi utilizado o método análise temática. A partir da análise de dados foi possível concluir que a história das mulheres nas lutas possuem diversos contextos cheios de preconceito e imposições sociais, porém elas se fazem resistência e buscam que ganhem seus devidos valores no mundo das lutas. Conclui-se que as mulheres que lutam já estão sendo mais reconhecida nos dias de hoje, mas que ainda passam por situações excludentes levando em conta as questões de gênero, e que pesquisas com essa temática precisam ser continuadas para que essas mulheres ganhem cada vez mais voz e possam usufruir de seus direitos como qualquer outro cidadão.

Palavras-chave: Gênero. Mulheres. Artes Marciais. Lutas.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. METODOLOGIA	13
3. AS LUTAS E ARTES MARCIAIS NO CONTEXTO HISTÓRICO.	17
3.1 Gênero e esporte	18
3.2 Mulheres que lutam	20
3.3 A importância da mídia para a representatividade feminina nas artes marciais	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
5. REFERÊNCIAS	31

1. INTRODUÇÃO

A mulher deve dedicar-se apenas às modalidades esportivas que favoreçam e exaltem sua beleza física, a delicadeza e a graça dos seus movimentos, bem como o seu psiquismo e sua espiritualidade (PINI, 1978, p.217)

Diante de uma sociedade atual que abre diálogo sobre os papéis de gênero e a função da mulher na sociedade, faz-se necessário que seja analisado como a busca pela emancipação e libertação feminina ocorre na resistência diária aos padrões normativos baseados nas concepções machistas e sociais.

Partindo dessas considerações, a escolha desse tema se deu por dois motivos: minha admiração e afinidade pelas artes marciais, pelo fato de ser uma mulher praticante de uma arte marcial e por acreditar que o papel feminino no esporte precisa ser falado! Portanto, para essa associação de tema com a minha vida ser realizada, é imprescindível um relato sobre todo meu trajeto, até a escolha desse tema.

Tudo começou lá em 2004, onde tenho memórias significativas da criança hiperativa que eu era. Eu, Graziela, filha mais nova, acompanhava minha irmã mais velha nos treinos de Judô, que aconteciam na associação do nosso bairro. Esporte que eu não tinha absolutamente nenhum conhecimento e nenhuma vontade de estar inserida. Porém, a partir do momento em que me vi sem saída, pois dizendo de forma clara, mas não agressiva, minha mãe me obrigava a praticar. Foi notório o meu desenvolvimento, a mudança em meu comportamento, a forma que eu me relacionava com as outras pessoas, e o crescimento educacional e social.

Me graduei até a faixa laranja de judô, seguindo os passos da minha irmã. De início, com meu primeiro sensei, Alexandre Cavalca, no qual mantenho contato até hoje e admiro grandemente. Dono de uma didática incrível e um dom especial com as crianças. Depois houveram algumas mudanças no local onde eu treinava, e os treinos passaram a ser administrados pelo sensei Carlos Godoy, que com muito orgulho, eu chamo de “meu pai no judô”.

Por motivos pessoais, minha irmã decidiu dar um tempo dos treinos, o que me desmotivou também de continuar. Depois de muita conversa, consegui convencer minha mãe, para que eu também pudesse me afastar. Até o momento, eu ainda não tinha desenvolvido a vontade de realmente estar inserida nesse esporte.

Passei 4 anos longe do tatame, onde um dia no ano de 2014, resolvi ir visitar um

treino, e me veio uma sensação de nostalgia gigante e a curiosidade de como eu me sairia no esporte. Resolvi voltar. Voltei e peguei firme nos treinos, fui pra inúmeras competições, ganhei inúmeros títulos, títulos que para mim são importantíssimos. Criei um amor especial pelo judô e uma admiração gigante pelas lutas. Porém nesse processo, meu pai não gostava que eu praticasse, dizia que era “coisa de macho”. Meu avô, que é minha maior motivação hoje em dia, também não gostava porque tinha muito medo que eu me machucasse, me achava frágil demais. Na escola os meninos todos me achavam “menininho”, vinham caçar briga comigo porque associavam eu lutar com “saber brigar”. A única que me apoiava e me incentivava, era minha mãe. No começo ela viajava para todos os lugares para me ver competir, depois por falta de tempo, passei a ir sozinha.

Me graduei durante anos, onde o sensei Carlos Godoy, foi o grande responsável por toda minha trajetória no judô até hoje. Me fez valorizar o esporte, me despertou o espírito de competição, e fomentou o que o meu primeiro sensei Alexandre deixou nos meus primeiros passos no judô. A vontade de ter a didática e um dom especial com as crianças. Após muito relutar e a fim de melhorar meu judô competitivo, fui em busca de um treino de alto rendimento, onde conheci o sensei e também meu amigo, Marcus Alves, no qual me acolheu em sua equipe, que também se tornou minha.

Quando me formei no ensino médio, iniciei um curso de preparação para a universidade, totalmente sem rumo, sem não saber ao certo o que eu queria. Até muito pensar, e entender que mais valioso do que visar questões financeiras, é você estar fazendo o que ama e o que te inspira todos os dias. E foi assim que decidi fazer Educação Física. Eu tinha sede de ampliar meus conhecimentos. De obter respostas que procurei a vida toda para dar àqueles que talvez estejam procurando hoje em dia. De início pensei no bacharelado, por conta do meu histórico esportivo. Mas ao lembrar que na escola eu nunca tive esse mesmo esporte inserido, e quase nenhum outro, queria entender o porquê, e tentar fazer diferente.

Ao adentrar a universidade, tive a dádiva de participar de vários programas. Logo de início fui à procura de treinos ou qualquer coisa relacionada ao judô, onde encontrei um grupo de universitários, no qual tomei à frente e me responsabilizo até hoje. Tive também a experiência de levar o nome da universidade em uma competição muito conhecida, JUMS - Jogos Universitários de Minas, onde conquistei uma medalha de segundo lugar.

Pensando em dar mais visibilidade ao “grupo” de treino, em conjunto com alguns outros discentes, decidimos criar a Equipe de Judô da Ufla. De alguma forma oficializar nosso



projeto, para que mais pessoas pudessem ter conhecimento. Procurei algum docente da área, para que pudesse nos ajudar.

Logo no meu segundo período, iniciei minha atuação em uma bolsa institucional do PIBIC, em um programa chamado Oficinas pedagógicas de lutas nas aulas de Educação Física Escolar do município de Lavras - MG. Onde fiz vários estudos aprofundados nas lutas, e desenvolvi alguns trabalhos práticos em escolas e associações. O projeto teve a duração de 1 ano e meio, no qual deixou grandes marcas no meu processo acadêmico.

Também tive a valiosíssima oportunidade de participar do PIBID, infelizmente foi no contexto pandêmico, onde não podíamos colocar na prática nosso conhecimento. Mas confesso que grande parte do que sou hoje, foi construído nesse programa. Estudamos autores icônicos da nossa área, tivemos oficinas e estudos aprofundados com professores ilustres. Tive um contato com a docência, onde me despertou sentimentos que jamais imaginei sentir.

E aqui estou eu, no meu último período do curso de Educação Física, me licenciando. Onde durante esses anos obtive experiências inimagináveis. Onde obtive muitas respostas e ainda procuro várias. Entendi que é um processo infinito. Onde seu conhecimento jamais será limitado.

Escolhi esse tema para minha conclusão de curso, pois queria fazer a junção de algo que admiro muito, que são as artes marciais, com a formação que escolhi, que é a Educação Física. Além de ser uma mulher, graduada em uma arte marcial. Falar sobre mulheres que lutam e quais são seus papéis na sociedade, é falar um pouco sobre minha história, sobre dificuldades que passei em muitos momentos e sobre como encontrei resistência em várias fases da minha vida.

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo geral discutir as representações sociais das mulheres nas artes marciais e as concepções de gênero que as assombram por praticar uma atividade corporal considerada masculina. Visto que a inserção das mulheres no esporte foi tardia e foi necessário que muitas passassem por processos muito difíceis para que outras estejam onde estão nos dias de hoje. O trabalho conta também como objetivo investigar um pouco desse processo na vida de algumas praticantes que hoje residem em Lavras, podendo assim relacionar um pouco da história de cada uma delas com o trabalho aqui desenvolvido, dando veracidade aos fatos que já foram registrados em trabalhos anteriores.

Partindo disso, essa pesquisa se faz importante e necessária para evidenciar as problemáticas que o tema traz consigo. Quando pensamos em questões de gênero, é possível

pensarmos em inúmeros campos, fica até difícil acharmos alguma atividade humana que não traga sequer um acontecimento histórico em que o termo “gênero” não tenha sido abordado. E ao focarmos em um campo específico, como neste trabalho evidenciamos o campo esportivo visando as artes marciais, é possível observar que existem muitos problemas isolados dentro de cada meio. Evidenciar as questões de gênero nas artes marciais, é dar voz a todas as mulheres que praticam e que tem vontade de praticar. É empoderar o movimento feminista e afirmar que as mulheres tem sim o direito de estarem inseridas onde elas quiserem, sem terem que passar por discursos abusivos, apontamentos machistas e rótulos genereficados.

Pode-se então dizer que mulheres estão ocupando cada vez mais ambientes considerados masculinos, lutando contra diversas barreiras e preconceitos, chegando então na relevância dessa pesquisa. Com tudo isso tais questionamentos ficam pertinentes: quais são essas dificuldades? Quem são essas mulheres que lutam? Sabendo de todo o processo cansativo que é quebrar padrões impostos pela sociedade, por qual motivo uma mulher escolhe a modalidade de luta? Mulheres podem praticar lutas? Existem diversos estudos que levantam pautas dessa temática, porém ainda tem muitas vertentes e questões que não possuem uma exploração efetiva, podendo aqui nesse trabalho criar novas perspectivas e novos olhares para tais questões.

Assim sendo, primeiramente vamos adentrar no mundo das lutas e artes marciais, conhecendo um pouco mais sobre seus processos históricos, de que forma as mulheres foram adentrando esse espaço e ganhando reconhecimento. Em seguida, iremos abordar a relação de gênero e esporte, dando ênfase sobre o processo excludente histórico e social em que as mulheres lutam todos os dias, mesmo que de maneira indireta para serem consideradas de forma igualitária socialmente. Adiante, essas questões vão se vinculando ao mundo esportivo, na entrada tardia das mulheres, nas rotulações impostas, no preconceito sofrido para serem vistas e por fugirem da padronização do corpo ideal.

Posteriormente, é falado sobre as mulheres que lutam, evidenciando nomes importantes para a história das lutas e artes marciais. Mulheres essas que inspiram outras, que trazem consigo o reflexo de que padrões existem para ser quebrados, que não devem ser diminuídas ou desconsideradas como praticantes por conta de um gênero. E ainda, é abordado brevemente sobre algumas conquistas históricas dessas mulheres no mundo da luta, abrindo portas e expandido caminhos para outras que virão.

Por fim, apontamos em como a mídia influencia a representação feminina nas artes



marciais, podendo agrupar todas as pautas citadas acima e questionando de que forma a mídia pode ajudar nessa problemática, mas também em como ela contribui na desvalorização das mulheres lutadoras. De acordo com que iremos desenvolver todo esse processo, as falas das entrevistadas vão se encaixando com cada temática, trazendo suas vivências como praticantes das artes marciais.

2. METODOLOGIA

O trabalho aqui desenvolvido identifica-se como exploratório sob abordagem qualitativa, visto que é realizado um estudo aprofundado sobre as questões de gênero nas lutas e o que mulheres que lutam representam para a sociedade. De acordo com Minayo (2014), uma pesquisa de abordagem qualitativa ela visa uma realidade que não pode ser quantificada, onde se trabalha com um universo de significados, aspirações, motivações, crenças e atitudes. A abordagem qualitativa tenta compreender a totalidade do fenômeno, fugindo de conceitos específicos. Coletando dados sem instrumentos formais e estruturados, enfatizando a importância de compreender e interpretar experiências.

Segundo Selltiz, Wrightsman e Cook (1987), o modelo de pesquisa exploratório se utiliza principalmente de técnicas de pesquisas qualitativas baseadas em observações e entrevistas. Isso se deve ao fato de que estas formas de pesquisar permitem explorar um problema de forma mais complexa.

Visando o procedimento adotado, foi caracterizado como pesquisa de campo, onde houve a realização de entrevistas semiestruturadas. A pesquisa de campo deste trabalho foi realizada na cidade de Lavras.

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas. (Gonçalves, 2001, p.67.)

Como instrumento de coleta de dados, foi empregue entrevistas de forma semi estruturadas. Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Utilizando as entrevistas semiestruturadas, onde um roteiro foi feito pelo pesquisador de forma flexível. “optou-se pela entrevista semiestruturada na qual a informante tem a possibilidade de discorrer sobre suas experiências, a partir do foco principal proposto pelo

pesquisador; ao mesmo tempo que permite respostas livres e espontâneas do informante, valoriza a atuação do entrevistador” (LIMA *et al* 1996, p.133). Participaram da pesquisa seis mulheres estudantes da Universidade Federal de Lavras, praticantes de 3 modalidades diferentes de arte marcial. As entrevistas aconteceram pessoalmente e transcritas no programa word. Deste modo, foram feitas 6 perguntas, sendo elas:

Qual motivo te levou a escolher a prática de alguma arte marcial?
Quais são seus objetivos praticando uma arte marcial e porque?
Na sua opinião, a mídia de alguma forma influencia na visibilidade das mulheres nas lutas?
Já houve alguma situação enfrentada enquanto praticante de arte marcial, pelo simples fato de ser uma mulher?
Você acha que a relevância das mulheres no mundo esportivo, em específico a sua prática corporal, é a mesma que a dos homens?
Qual sua opinião sobre mulheres que lutam?

Caracterização das participantes:

CARACTERIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES	MODALIDADE	OBJETIVO	TEMPO DE PRÁTICA
P1	Judô	Já tive o objetivo de ser seleção, atleta olímpica, mas como a gente sabe, o percurso de um atleta é muito curto, é precoce, começa cedo e termina cedo também. E aí hoje, meu objetivo é dar aula, me tornar uma técnica de alto rendimento, fazer projetos de lutas, para crianças vulneráveis e etc. Porque a minha fase de atleta já passou.	10 anos
P2	Judô	A princípio eu não tinha objetivo nenhum quando comecei a praticar o judô, eu tinha 13 anos na época, mas depois de 1 ano, 1 ano e meio, meus objetivos começaram a aparecer, saúde,	13 anos

		qualidade de vida. E depois começou a se tornar de competição, a subir os níveis	
P3	Judô	O meu maior objetivo dentro da luta, foi conseguir controlar as minhas emoções, atingir ali o meu autocontrole, e eu consigo trazer isso para fora do tatame, no meu dia a dia, no meu trabalho, nos meus estudos. A luta ela tem isso né, você cresce dentro e fora do tatame.	19 anos
P4	Judô	Meu objetivo principal é que mais crianças consigam ter acesso a uma prática de arte marcial né, assim como eu pude ter o prazer de conhecer um esporte que me encantou. Meu intuito é levar essa prática para outras crianças.	8 anos
P5	Muay Thai	É saber se defender um pouco, ter mais confiança, a parte física também é legal, e também na parte de tirar um pouco o estresse da vida. E assim, não tem um objetivo específico, gosto de competir, gosto de estar ali, a união da arte marcial é bem legal, o apoio dos colegas. Nenhum objetivo profissional, nada do gênero, mas se fortalecer, estar ativo e arte marcial é legal porque ela não é uma atividade muito monótona, ela é dinâmica.	1 ano e 4 meses
P6	Boxe	Além de aprimorar as técnicas, a questão da defesa pessoal, infelizmente na realidade que a gente se encontra, ela é necessária, a gente não sabe dos perigos a	6 meses

		<p>cada esquina. Outra questão também, muito importante, é a questão da saúde, eu não me vejo na academia, eu já tentei, eu gosto muito de luta, e também como forma de liberar o estresse. Quando eu to estressada, eu consigo aliviar tudo no treino.</p>	
--	--	---	--

Para a análise de dados coletados, foi utilizado o método de análise temática, onde através da identificação, análise e descrições de temas, é possível organizar os dados de forma sintética. Para Baun e Clark (2006), a análise temática tem como benefício, sua flexibilização, através de sua liberdade teórica, que pode potencializar dados ricos e detalhados.

O método de análise temática pode ser aplicado a conjuntos de dados qualitativos muito diferentes, desde narrativas em primeira pessoa, como em entrevistas de pesquisa tradicionais, até entrevistas em grupo maiores, talvez obtidas em ambientes de grupos focais, muito utilizado na área de administração, até fontes de dados secundárias, como recursos de mídia (King & Brooks, 2017).

Portanto, ao observar nas entrevistas aqui realizadas, é possível notar a recorrência de alguns temas, podendo adotar o método de análise temática. De acordo com os capítulos deste trabalho, os dados coletados foram distribuídos de forma temática, portanto, segundo King e Brooks (2017), a análise temática refere-se às formas de análise qualitativa de dados que tem como objetivo principal a identificação, organização e interpretação de temas em dados textuais. Eles se referem a 'formas' de forma pluralizada, pois acreditam que não é um método único, mas uma abordagem abrangente que engloba muitas perspectivas diferentes.

3. AS LUTAS E ARTES MARCIAIS NO CONTEXTO HISTÓRICO.

Iniciando esse trabalho, é de suma importância que se tenha percepção sobre a origem das lutas e artes marciais, e de que forma as mulheres foram se inserindo em um espaço designado aos homens e ganhando visibilidade nesse meio.

Desde os primeiros resquícios de atividade humana, o homem se apropria das manifestações corporais para diversas finalidades e em diferentes contextos, inclusive as lutas. Sendo utilizada como forma de defesa ou de condicionamento físico. Através dos animais e seres humanos, as lutas sempre estiveram presentes de modo efetivo na natureza.

É possível encontrar em alguns estudos os primeiros rastros de um combate organizado, porém, a data correta é desconhecida visando que essa prática corporal acompanha os seres humanos desde o período pré-histórico, onde lutavam para se alimentar, lutavam para dominar territórios e lutavam para simplesmente não morrer.

Segundo Oliveira Junior e Mazzoni (2011), ao falar do combate organizado, é possível encontrar seus primeiros resquícios na Índia e na China. Essa organização possui diversas versões, que foram alteradas ao longo do tempo, pois antigamente usava-se as lutas e as danças como forma de manifestar suas culturas e tradições, e essas tradições eram feitas de forma oral. Por isso não há registros de como ao certo era essa organização.

Fundamentado nesse contexto histórico, as inúmeras modalidades de lutas vão desenvolvendo sua própria história. Algumas práticas muito conhecidas e com grandes nomes, outras que ninguém nunca teve acesso, algumas que já não existem mais. Entre as lutas existentes até os dias atuais, encontram-se algumas que ainda se esforçam para ganharem seu espaço e outras que se tornaram extremamente conhecidas, reunindo muitos praticantes. Algumas passaram pelo processo de esportivização, tornando-se um esporte oficialmente.

Ao pensar na palavra luta, automaticamente fazemos a ligação a algo muito difícil, árduo, que tenha muitos processos cansativos, como por exemplo: lutar por direitos, lutar pela igualdade, lutar pela liberdade e etc. Contudo, a palavra luta segundo o dicionário diz respeito a um combate, de caráter esportivo, onde dois adversários desarmados se enfrentam corpo a corpo. Levando em consideração esses dois conceitos, é visível que um se encontra com o outro.

De acordo com O Parâmetro Curricular Nacional, são definidas as Lutas como disputas em que os oponentes devem ser subjugados, com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um

determinado espaço na combinação de ações de ataques e defesas. Caracterizam-se por uma regulação específica a fim de punir atitudes de violência e deslealdade. Podem ser citados exemplos de Lutas as brincadeiras de cabo de guerra e braço de ferro até as práticas mais complexas da Capoeira, do Judô e do Karatê (Brasil, 1998, pg. 70).

□ 3.1 Gênero e esporte

O tema deste trabalho visa a resistência das mulheres nas lutas e artes marciais, é indispensável o conhecimento de como as mulheres ganharam seu espaço no esporte e de que forma elas resistem para que um universo tão machista as acolham.

Historicamente as mulheres eram rotuladas como “sexo frágil”, tendo como obrigação cuidar da casa, filhos e marido. A história da evolução das conquistas das mulheres por espaços no esporte é atrelada ao pensamento feminista e às representações ideais de feminilidade, e para compreender as reflexões desse pensamento, é necessário compreender que relações de gênero são construções sociais e culturais (BERTÉ, 2016).

É dubitável pensar em alguma área de intervenção humana que não ocorra ou nunca ocorreu a predominância de gênero, ou seja, que visando os processos culturais, simbolicamente é atribuído em uma divisão, o que se adequa mais ao homem e o que se adequa mais a mulher.

Pensando no feminismo, pensamos em uma ideologia global, onde existe uma afirmação singular de que há uma opressão às mulheres. Essa opressão se profere em ideologias, culturas e política. Declara diferentes formas em diferentes condições sociais.

Em linhas gerais o feminismo é um movimento político. Questiona as relações de poder, opressão e exploração de grupos sobre outros. É fundamentalmente oposto ao patriarcado. Propõe a transformação social, econômica, política e ideológica das mulheres na sociedade. Foi movimentado de diferentes maneiras ao longo do tempo, todas intimamente dependentes das sociedades em que se originaram e das condições históricas das mulheres.

Ao refletir sobre essa divisão de gênero, nota-se condutas, preceitos, símbolos e ações congruentes aos sexos, classificando valores numa ordem que quase sempre é instável e opressora. Isto é, gênero é uma série de características que transita entre o masculino e o feminino. Para Scott (1995), gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseados nas diferenças percebidas entre os sexos, onde o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.

O que dizemos ser propagado no coletivo humano, são dados constantemente baseados

em diferenças físicas perceptíveis. Na sociedade contemporânea, o esporte tornou-se um fenômeno midiático com valor irrefutável e onipresente em nossas vidas, um cenário em que grande parte da definição é o que ser homem e o que ser mulher. Ou seja, o esporte é uma organização social no qual, também por sua materialidade, se corporificam ideologias sobre masculinidade e feminilidade, estando em permanente esfera de tensão.

Vários foram os empecilhos e argumentos colocados no âmbito social para não permitir a participação da mulher no espaço competitivo das modalidades de lutas, estes muitas vezes nem um pouco embasados. Dentre esses argumentos podemos ressaltar que havia a “preocupação” de preservar o corpo da mulher para a fertilidade e futura maternidade, argumentando que as atividades corporais poderiam comprometer essas funções biológicas (MOURÃO e SOUZA, 2006).

Encontrar algum campo de atividade humana que não tenha sofrido mudança pelas questões de gênero, é quase impossível. Ou seja, que não tenha nenhuma ocorrência de ações culturais, que de forma simbólica tenha sido separado aquilo que é para o homem e aquilo que é para mulher. Tanto em comportamentos, vestimenta, ações, profissões, posições sociais e etc. Para Souza e Alteman (1993), gênero é aquilo entendido como a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres.

Visando a sociedade contemporânea, onde o esporte tem um alto valor e está presente em muitos momentos no cotidiano do ser humano, ele também é um dos cenários que são extremamente afetados pelas questões de gênero, onde carrega consigo o forte simbolismo de ações destinadas aos homens e ações destinadas às mulheres.

De acordo com questões históricas das mulheres no esporte, e questões atuais, a presença da mulher no esporte aumenta a cada dia, porém algumas questões e preconceitos ainda aflige as atletas femininas, principalmente quando pensamos pelo lado da educação, onde meninos e meninas são educados de formas diferentes, em específico se tratando de atividade física; e por outro quando vemos o tratamento diferenciado que a mídia oferece aos atletas consagrados.

É comum causar espanto ou talvez uma surpresa excessiva quando ouvimos falar sobre grandes nomes femininos no esporte, em específico nas lutas. Isso porque a luta ao envolver o contato físico, exigir um trabalho de força e expor o praticante a sérias lesões constantemente, é automaticamente assimilado a um ambiente masculino.

No que diz respeito particularmente ao esporte, a distinção entre os gêneros e as

características impostas a eles, já foi causa de censura de muitas mulheres em diferentes campos do esporte. Ao percorrer a história, era notório que as modalidades vinculadas à imagem feminina, eram práticas corporais que visavam flexibilidade, suavidade nos gestos, leveza e fortalecimento no corpo para manter uma gestação. Se opondo a isso, a imagem masculina era associada a modalidades que exigiam força, habilidade, resistência e definição muscular, onde lhes davam a oportunidade de demonstrar a virilidade e agressividade nas práticas esportivas.

Segundo Mourão (2002), a mulher exprimindo a ideia de não ser um sexo frágil, era completamente assustador, pois mulheres praticantes de esportes taxados como masculino, eram alvo de preconceito tanto por elas mesmas como para os homens.

Por conta dessas padronizações, mesmo querendo quebrar os tabus fugindo das particularidades restritas a determinado sexo, ainda havia o receio de sofrer repressões de algum determinado grupo social ou de ter que passar por um processo de preconceito de gênero. Assim dizendo, há uma generificação preconceituosa e excludente dentro do esporte, e quando acontece um desvio nesse padrão, acontecem perigosas críticas e apontamentos.

Ao perguntar às entrevistadas sobre situações que já enfrentaram por serem praticantes de artes marciais, é possível vincular algumas respostas com essa capítulo, sendo elas:

1	<p>“Preconceito? Isso desde a infância, porque na infância que eu comecei a fazer o judô, eu tinha 12 pra 13 anos, e aí meu apelido na escola de curquinha de couro, uma que eu brigava demais, aí descobriram que eu fazia judô, e o judô ele parece um couro, aí me colocaram esse apelido. Aí ao decorrer do tempo e da idade, eu comecei a ser chamada de “maria homem”, porque eu comecei a treinar, ficar com os braços fortinhos e tal, aí tinha esse preconceito. A minha avó também falava que isso não era coisa de menina, que eu parecia um hominho. Mas aí eu comecei no esporte de alto rendimento, eu só convivia com pessoas que faziam o que eu faço, aí foi mais sociável, até porque também entrou a moda do fitness, de saúde, do físico forte e tal, aí eu acabei entrando nas “queridinhas” da sociedade, vamos dizer assim, por ter um físico diferente e etc.”</p>
3	<p>“Já sim. As pessoas elas tem mania de nos rotular por algo que está na cabeça delas né, é um pensamento muito pequeno, muito fechado, e até voltando a pergunta anterior, por isso é importante a visibilidade das mulheres na luta. Porque mostra sim que nós somos capazes, que também podemos lutar, que a gente pode estar ali. E enfim, depois que a pessoa me conheceu, ela abriu esse pensamento pra mim, ela tava disposta a me ouvir, ela começou a conviver comigo. E ela tinha esse pensamento antes de me conhecer, que achava que eu fazia uma coisa que não era pra mulher, que não era pra mim. Mas depois que ela me conheceu, ela passou a gostar da ideia, passou a gostar do esporte e foi assim.”</p>

6	“Já aconteceu do sensei pedir para as meninas lutarem só entre si, porque se lutassem com os meninos não daria certo. Não sei ao certo o que ele quis dizer com isso, mas como mulher, posso imaginar.”
---	---

Contudo, no decorrer dos anos e da história, o esporte vem sendo transformado e durante esse processo é perceptível a evolução e a ampliação do espaço das mulheres no mundo esportivo. Entretanto, essas transformações que ainda continuam em processo contínuo, não aconteceram de forma tranquila e pacífica. Um processo tortuoso e marcante na história das mulheres, onde ainda tem um longo caminho para que as questões de gênero sejam igualitárias.

6	“Não, a visibilidade ela não é a mesma, é nítido isso no futebol. O futebol masculino ele tem muito mais ênfase por ser masculino e por ser algo tão enraizado na cultura mundial, enquanto o futebol feminino ele é restrito, ele não é divulgado, e quando divulgado ele não tem tanto êxito, não tem tanta procura. E nas lutas é exatamente assim.”
---	---

Olhar para as mulheres no esporte e contar suas histórias, é indispensável. Existem inúmeras barreiras culturais, religiosas, políticas, que fizeram com que a participação feminina no esporte fosse tardia. Nesse cenário, o estudo de gênero e esporte, é crucial para empoderar o protagonismo feminino e suas lutas.

3.2 Mulheres que lutam

Por qual motivo, um esporte tão bem visto socialmente, como as lutas, quando se trata de praticante mulheres, se torna tão irrelevante e causa tanta polêmica? Alguns autores defendem que o esporte competitivo, como a luta, quebra a imagem da mulher que é rotulada como sexo frágil, e ainda carece de um corpo totalmente fora dos padrões de corpo ideal de sociedade, para tal demanda esportiva e esses corpos são marginalizados e mal vistos.

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e seminudez, práticas comuns no universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Pareciam, ainda desestabilizar o terreno



criado e mantido sob domínio masculino cuja justificativa, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas (GOELLNER, 2005, p.92).

Em razão desses pré conceitos, das lutas terem uma dominação masculina e de serem violentas, assim como em outras modalidades, a inserção das mulheres foi tardia. No entanto, mesmo tendo sua história tão recente, elas já vem ganhando grande espaço nas artes marciais e conhecer um pouco da história de algumas e de que forma elas foram resistência para o cenário das mulheres no mundo esportivo, é de extrema importância.

No judô, não podemos deixar de citar a histórica judoca brasileira Ketleyn Quadros, medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008, sendo a primeira mulher a ganhar uma medalha em esportes individuais para o país em toda a história das Olimpíadas (NINJA Esporte Clube, 2021). Outro nome grandioso na modalidade é da brasileira Edinanci Silva, pioneira em alcançar duas medalhas em mundiais (bronze em 1997, 2003) e ouro nos Jogos Pan-Americanos de 2003 e 2007 (SOUZA, 2016). Nomes que também não podem deixar de ser citados e que acompanham a seleção brasileira há alguns anos, é da Sarah Menezes, a primeira judoca brasileira a conquistar uma medalha de ouro nas olimpíadas, em Londres 2012. Atualmente assume a posição de técnica da seleção brasileira de judô, com resultados altamente expressivos. Rafaela Silva, a primeira atleta da história do judô brasileiro, entre homens e mulheres, a ser campeã olímpica e mundial (REDE DO ESPORTE, 2008). E Mayra Aguiar, a primeira brasileira a conquistar três medalhas olímpicas em uma modalidade individual.

1	“Eu acho que hoje em dia, tá relevante todas as áreas das artes marciais, porque temos direitos iguais, categorias semelhantes, divisões de categorias, feminino e masculino. Hoje em dia as mulheres estão dando, no judô por exemplo, mais destaques, estão trazendo mais medalhas e tal, e eu acho que o esporte foi feito pra ser inclusão social, entendeu? Apesar de ter os seus preconceitos, ultimamente já está mais aceitável, principalmente com a mulher nas artes marciais.”
----------	---

Além disso existem outros nomes importantes em outras práticas corporais, que ao longo da história nas lutas estão ganhando visibilidade e seu devido reconhecimento. O UFC vem sendo revolucionado com a participação e destaque das mulheres, contam com nomes como da Ronda Rousey referência na modalidade, ex-campeã na categoria peso galo em

2016, onde abriu muitas portas para as mulheres no MMA. Cris Cyborg, lutadora brasileira campeã do UFC na categoria pena. Amanda Nunes, a brasileira, foi a primeira mulher da história do MMA a conquistar dois cinturões no UFC.

2	<p>“Bom, pelo menos no judô, a gente não tem tanta essa distinção de gênero né, principalmente em grandes competições, em competições mundiais. Mas pelo o que eu vejo na mídia, outras artes marciais, como por exemplo o MMA, ele tem si, é muito raro a gente ver transmissão de uma luta feminina, ou até se ouve falar é de alguma atleta que esteja competindo, ou esteja em nível mundial, não em questão do judô, mas acho que isso existe em outras modalidades de luta.”</p>
---	--

Visando essas mulheres que lutam e outras várias, que possuem possíveis histórias desconhecidas, é inegável o quão grande é a importância delas nas representações sociais das artes marciais. Mulheres que resistiram a preconceitos, a exclusão, e desrespeito e fizeram não só história, mas contribuíram para que outras mulheres pudessem fazer o mesmo.

O número de mulheres tem aumentado notavelmente nos ringues e tatames, com objetivos diversos, seja por estética, por auto defesa, por esporte. Obviamente, não se pode ser hipócrita ao ponto de dizer que questões de gênero não aflige mais esses ambientes, por isso a importância de grandes nomes serem falados e conhecidos. A mídia apesar de vir contribuindo grandemente para que isso aconteça, ainda assim poderia com seu alcance, contribuir muito mais. Transmitindo e enaltecendo as mulheres na mesma proporção que os homens, alcançando pessoas distintas e expandindo a ideia de que as mulheres podem lutar de muitas formas.

1	<p>“A minha opinião é que essas meninas e mulheres são empoderadas, diferentes, com personalidade forte, porque não é pra poucos, uma menina que escolhe a modalidade de luta. Querendo ou não, não pode ter muita frescura e tal, tem que ser rígida. E nada impede dela continuar com sua feminilidade de ser mulher, querer ser tratada com carinho, não é porque a gente é lutadora, que a gente gosta de ser tratada mal, ser agredida e etc. Cada mulher começou o esporte, seja de arte marcial ou qualquer outra, por um objetivo. Meu objetivo e minha questão, é que eu via meu pai praticando, achei legal e quis praticar também. E pra mim me fez muito bem, me abriu as portas que hoje estão abertas, e acredito que abrirá outras mais pra frente. E eu amo ser lutadora!”</p>
---	--

2	<p>“A minha opinião, é que se o esporte em si, ele é acessível para todos os tipos de público, enfim, direitos iguais para todos, tanto para mulheres quanto homens, eles tem que ter uma mesma visibilidade, mesmo tipo de influência dentro da mídia e não distinguir gênero nenhum.”</p>
3	<p>“Acho que todas as mulheres deveriam praticar algum esporte, pela auto estima que ele proporciona, mas além disso, a luta, ela contribui também para a nossa defesa pessoal, que é indispensável nos dias de hoje.”</p>
4	<p>“A minha opinião é que mulheres devem fazer mesmo essas práticas corporais, não só as lutas mas como outros. Elas precisam fazer o que elas gostam mesmo, independente da visão dos outros.”</p>
5	<p>“Eu acho muito legal, só o fato da gente ser mulher e estar dentro de um ambiente que é extremamente machista, que é o ambiente da luta, querendo ou não os homens prevalece, porque querendo ou não é um fato de que os homens tem mais força que as mulheres, não existe comparação. Então eu acho que são pessoas que querem, que passam por muitos obstáculos e são pessoas que vão conseguir muita coisa na vida. Porque independente de qualquer preconceito, de qualquer obstáculo vão estar ali fazendo uma coisa que gosta, e lutando contra muito preconceito que existe no mundo da luta e do esporte. Que no começo não foi muito bem vista e em muitos lugares ainda não é. E acho que essas mulheres são pessoas de muita garra, com foco e que sabem o que querem, porque se não soubessem não estariam ali.”</p>
6	<p>“Eu acho que uma mulher quando entra na luta, ela não tá vendo apenas a questão da auto defesa. É claro que é importante, te dá segurança, você aprende a se defender, aprende a contra atacar, aprende a barrar movimentos que possam te lesionar, é realmente algo muito bom. Mas também tem a questão da auto estima, porque qualquer atividade física que você faz libera muitos hormônios e você se sente melhor, melhora seu dia, e a partir desse primeiro passo você cria um hábito. Então uma mulher que luta, consegue lidar com suas inseguranças, fica mais confiante dentro e fora do espaço de treino, e eu incentivo totalmente as mulheres a fazerem essa prática.”</p>

3.3 A importância da mídia para a representatividade feminina nas artes marciais

Vendo os dias atuais, é fácil concluir que a mídia influencia cada vez mais a vida dos seres humanos. Essa influência pode acontecer de diversas maneiras, tanto para o lado positivo como para o lado negativo. Visando a influência que ela causa na representatividade feminina no esporte, em específico nas artes marciais, podemos observar os dois lados.

De acordo com Freitas (2000), a mídia costuma relacionar a imagem feminina no esporte de forma erotizada, com o intuito de atrair o público masculino para o consumo do

conteúdo. A imagem feminina não é atrelada a valores realmente esportivos, são banalizadas e sexualizadas.

Acreditam que as filiais da ESPN que transmitem “luta livre” feminina destinam seus programas para homens heterossexuais que não consideram esporte feminino como algo que mereça respeito, e o entretenimento esportivo é tratado como voyeurismo, banalizando a mulher atleta; na luta livre pornô (wrestling porno), as “atletas” são sexualizadas e ironizadas (um entrevistador chegou a perguntar a lutadora Sable se ela podia contar até 10) (MESNNER, DUNCAN E COOKY, 2003, p.63)

Ainda nessa linha de visão, da mulher sexualizada, existem alguns filmes que trazem exatamente esse cenário. Como o filme “Mulher gato”, onde a atriz da protagonista usa uma roupa de couro, chicote e assume uma postura muita das vezes ligada a garotas de programa. É possível notar também no filme “As Panteras” do ano de 2000, embora seja um filme sobre mulheres fortes e que possuem dotes em práticas corporais, o foco das câmeras está sempre nos decotes das roupas ousadas, e o contexto histórico do filme leva sempre em primeiro plano o fato de ser 3 mulheres lindas e sensuais, e não por serem espãs e estarem em um cargo direcionado aos homens. Contribuindo com essas reflexões, podemos visualizar claramente essa problemática em algumas respostas:

5	“Eu não acho que a mídia influencia na visibilidade das mulheres na luta, muito pelo ao contrário, a mídia não só na luta, mas em outros esportes focam muito nos homens, os esportes que contém as mulheres, principalmente luta, ele no geral não é divulgado e tem muito pouco apoio aí quando se trata de mulheres.
6	“As mulheres na questão da luta, eu não vejo tanta visibilidade, por exemplo na ginástica a gente vê as mulheres sendo mais exaltadas, mas nas lutas não. E quando a mulher ganha a visibilidade na mídia, a mulher é vista como um objeto sexual, sabe? Porque pelo menos o que eu observo nas propagandas e etc, a mulher ela é mostrada com roupas curtas, com corpos exuberantes.”

Em contradição, temos como exemplo no mundo do cinema, o filme “Menina de Ouro”, que conta a história de uma mulher que entra no mundo do boxe, onde a protagonista em momento algum é sexualizada. O filme é focado em trazer uma visão da mulher quanto atleta, da sua prática esportiva e de como leva sua vida como qualquer outro ser humano. Trazendo muita emoção e incentivo às mulheres no mundo da luta.

1	<p>“Na minha opinião a mídia influência como já influenciou né, não só no judô que é minha modalidade, igual temos a campeã olímpica que é a Sarah Menezes, temos a campeã olímpica Rafaela Silva, e isso foi trazendo visibilidade para o judô, por ter sido medalhas de ouro, olímpica. E acabou crescendo essa modalidade que algumas pessoas nem sabiam o que era direito né. Mas também tem outras modalidades de artes marciais que vieram dando destaques né, igual o UFC com a Amanda, a Ciborg e etc. Acho que a mídia influencia sim, até porque passa a não ser vergonha né, praticar. Igual, eu tenho alunas, que viram as olimpíadas, viram a Rafaela Silva ser campeã e procuraram o judô.”</p>
2	<p>“ Com certeza a mídia influencia sim, não somente lutas em si, mas qualquer outro tipo de esporte que não são tão falados, não são tão exibidos. Então as mulheres têm menos acesso a diversos tipos de esportes, por conta da falta de visibilidade, e a mídia influencia nisso.”</p>
3	<p>“Com certeza, a mídia tem o poder, um círculo de influência tanto positivo, quanto negativo. Quando a gente começa a ver ali mulheres lutando, conseguido títulos e até mesmo vivendo daquilo né, vivendo da luta, isso faz com que outras mulheres se identifiquem, acreditam que o sonho é possível, é um incentivo né, às vezes a pessoa tem vontade de fazer mas não tem coragem, fica ali aquele questionamento vou ou não vou. Então quando a mídia mostra outras mulheres fazendo aquilo, acaba incentivando, a pessoa acaba indo, acaba vendo se é aquilo que ela quer, é muito bom sim.”</p>
4	<p>“Hoje em dia tá sendo mais reconhecido né, as mulheres no tatame, e acredito que a mídia está ajudando nessa visibilidade.”</p>

Pensando em como a mídia pode influenciar positivamente para que os papéis de mulheres fortes e que lutam não sejam levadas como fúteis e medíocres, é possível usar como exemplo de mudança das mulheres lutadoras, como as meninas vêm sendo retratadas nos desenhos infantis, o que abre grandes possibilidades de criarmos novas ideias sobre meninas e mulheres que lutam, como no desenho “As meninas superpoderosas”, onde as protagonistas lutam e enfrentam suas adversárias; ou ainda em filmes com garotas que para serem valorizadas por suas habilidades e ganharem reconhecimento, precisam se vestir de homem, como por exemplo o filme “Mulan”, da Disney, cuja uma adolescente chinesa é a heroína, e se disfarça de homem para entrar no exército e seguir o legado do pai. A reinterpretação simbólica que imagens como essas trazem ao serem levadas pra mídia, é extremamente importante. Segundo Miragaya (2002), o aumento de mulheres inseridas no mundo esportivo nos meios de comunicação, faz com que meninas e mulheres tenham novos modelos de



heroína a serem seguidos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que as mulheres hoje em dia possuem seus direitos como cidadãs por conta de um processo tortuoso e difícil. No meio esportivo e mais especificamente nas artes marciais, esse processo não é divergente. Segundo Goelner (2012), estudos sobre gêneros na história do esporte tiveram início na Europa e Estados Unidos em 1970, e no Brasil em 1980. Esses estudos ao longo dos anos tem sido uma grande fonte para que as mulheres que lutam ganhem voz e visibilidade no mundo esportivo.

Passando por diferentes estudos e diferentes concepções, é notório de que nessa luta, as mulheres já possuem grandes vitórias e com isso elas vem conquistando cada vez mais seu espaço nas artes marciais. Porém, ainda existem diversas barreiras carregadas de preconceitos e exclusão que impossibilitam ou limitam a imersão delas de forma igual e tão relevante quanto os homens.

Visando o objetivo principal desta pesquisa que era discutir as representações sociais das mulheres nas artes marciais e as concepções de gênero que as assombram por praticar uma atividade corporal considerada masculina, foi possível identificar diversos fatores: a inferioridade das mulheres no esporte, e falta de visibilidade feminina nas artes marciais, a erotização da mulher pela mídia contrapondo com a importância dela. Esses fatores muitas vezes assombram as mulheres não só na sua prática, como também em outros papéis sociais, como no mercado de trabalho, em seus relacionamentos, em seu processo acadêmico, entre outros.

Visando todo o conteúdo aqui apresentado e recuperando todo o percurso até as considerações finais, é possível apontar muitas dificuldades, descobertas e desafios. A escolha desse tema se deve tanto a questões particulares como questões que aparecem todos os dias em sociedade. Ser mulher é um trabalho extremamente difícil, nossa história é inacreditável, dolorida e ao mesmo tempo incrível. Recuperar e descobrir algumas pautas no recorte de gênero, trouxe muitas reflexões e indagações que ao longo deste trabalho foram aparecendo respostas e hipóteses.

Gênero serve, portanto, para determinar tudo que é social, cultural e historicamente determinado. No entanto, como veremos, nenhum indivíduo existe sem relações sociais, isto desde que se nasce. Portanto, sempre que estamos referindo-nos ao sexo, já estamos agindo de acordo com o gênero associado ao sexo daquele indivíduo com o qual estamos interagindo. (GROSSI, 1998, p.05)

As lutas e artes marciais possuem várias modalidades com diferentes divisões internas.

As questões de gênero aqui desenvolvidas se relacionam não só com praticantes e atletas, mas também sobre concepções sobre feminilidade e masculinidade em toda a sociedade. Por ser uma prática automaticamente designada aos homens, por terem atividades que são consideradas impróprias para as mulheres, criando barreiras gigantes e dificuldades das mesmas ganharem seu espaço.

Quando falamos aqui sobre as mulheres que lutam, é visível não só com as histórias de lutadoras famosas, mas também das entrevistadas, que os problemas que as cercam são literalmente os mesmos. Algumas com histórias mais duras, outras nem tanto, mas que de alguma forma se encontram em uma só problemática: questões de gênero.

De acordo com as respostas das entrevistadas, foi possível notar que esses fatores variam de realidade para realidade. O preconceito sempre existiu. Porém, felizmente, não atinge tanto algumas mulheres como atinge outras. Também é observado, que quando uma mulher começa uma arte marcial, ela é banalizada e inferiorizada diante a sociedade, mas se ela se torna uma atleta, mesmo que amadora, e começa a dar bons resultados, ela começa a ser relevante, entrando em uma linha de pensamento extremamente machista.

Quando mergulhamos um pouco no mundo da mídia, é possível notar com as falas das participantes uma divergência, onde surge o lado que a mídia influencia positivamente e negativamente para a visibilidade das mulheres nas artes marciais. Mas ao aprofundar nessa pauta é notório que essa divergência está uma ligada à outra e que faz um vínculo com as pautas anteriores, questões de gênero, lutas e artes marciais e mulheres nas lutas.

Pensando nessas inúmeras reflexões, pode-se então dizer que os desafios das mulheres que lutam, de modo geral, vem sendo carregado desde os primórdios, onde conhecemos a história de várias mulheres que se colocaram na linha de frente para outras continuarem nossa história. Tendo em vista que o objetivo desta pesquisa foi abordar a representatividade feminina nas artes marciais e conseqüentemente trazer aqui seus objetivos e suas dificuldades para alcançá-los, podemos concluir que esse caminho já foi percorrido por muitas mulheres, que modificaram esse processo ao longo da história, porém, ainda possui diversos obstáculos que precisam ser falados e trabalhados para que cada vez mais entrem em extinção.

De acordo com Goellner (2004), as mulheres no mundo do esporte estão em busca do mínimo, que é respeito, visibilidade e reconhecimento de seus esforços e suas lutas enquanto atletas e também a chance de estarem em cargos e pódios de poder em instituições esportivas, que nos dias de hoje, estão com maioria masculina. Reflexões como essas são necessárias para que tanto praticantes como quem tenha acesso a esse tipo de pesquisa possam também

refletir sobre o tema aqui transcrito. E mudanças possam ser feitas.

Historicamente, as mulheres vem quebrando barreiras em diferentes quesitos, evidenciando sua capacidade física, onde essa luta é carregada de coragem, força e emancipação. Para que esse processo esteja sempre em constante evolução, é de extrema importância que estudos com essa temática falem e deem continuidade de acordo com que o cenário das mulheres nas artes marciais vão se moldando ao longo do tempo.

Ao fazer um aprofundamento em referências teóricas, é possível achar diversos estudos que abordam questões de gênero no esporte. Porém, pensando na importância desse tema para uma evolução social, é ainda muito pouco para que grandes e históricas mudanças sejam feitas. Estudos como este precisa ser continuado, precisa-se de pesquisas de campo em mais ambientes, precisa-se que se dê voz a mais mulheres, que os obstáculos por elas passado sejam falados, para que possa talvez abrir mentes e amarras preconceituosas.

É preciso reconhecer a importância de falar desse tema, que levantam demandas através do olhar e de vivências femininas no mundo esportivo, enaltecendo o papel da mulher em sociedade, seus direitos enquanto pessoa e quanto atleta e trazer a relevância de abordar seus valores. E para que isso ocorra essa causa tem que se manter precisa e deve ser continuada, a meta é que um dia olhemos para mídia e nomes femininos estejam sendo enaltecidos não só nas artes marciais, como em qualquer outro esporte com predominância masculina, que essas mulheres estejam em cargos esportivos importantes e não sejam objetificadas neles. Essa luta não pode parar!

5. REFERÊNCIAS

- BERTÉ, I. L. **Mulheres no universo cultural do boxe: as questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no Pugilismo** (2003-2016). 2016. 119 f. Dissertação (mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2016.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação Física: Secretaria de Educação Fundamental**, MEC/SEF, 1998.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- BRUM, A. “mulheres que lutam”: as narrativas de judocas brasileiras e a contribuição na construção da memória da modalidade. 2016, 209 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas, Curitiba. 2016.
- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.
- CARDOSO, Luis Antonio. **Ketleyn Quadros, desafiando estatísticas**. Mídia Ninja, 2021. Disponível em: <<https://midianinja.org/ninjaesporteclub/ketleyn-quadros-desafiando-estatisticas>>. Acesso em: 06 de fev. de 2023
- CORREIA, Walter Roberto; FRANCHINI, Emerson. **Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate**. Motriz. Rio Claro, v.16 n.1 p.01-09, 2010.
- DACOSTA, L. (org.). **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002. v. 1, p.831-849.
- DE OLIVEIRA, Ariela Beatriz Alves; DE LIRA RIBEIRO, Thaianne Cristine; SIQUEIRA, Thomaz Décio Abdalla. A inclusão social e educacional de mulheres nas artes marciais. **BIUS-Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia**, v. 9, n. 1, p. 58-66, 2018.
- FERRETI, M. A. C., KNIJNIK, J. D. **Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadores universitárias**. Movimento. Porto Alegre, v.13, n. 01, p.57-80, janeiro/abril, 2007.
- FREITAS, L. L. de. **Futebol feminino: análise dos discursos dos sujeitos envolvidos em uma competição infantil entre escolas públicas em João Pessoa, PB**. Dissertação (Mestrado em Educação). UFPB, João Pessoa, 2003.
- GOELLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003.
- GOELLNER, S. V. **Mulher e Esporte em Perspectiva**, end., 2004.
- GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GROSSI, Miriam P. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Antropologia em Primeira Mão. n. 24, p. 1-18. Florianópolis, 1998.

King, N., & Brooks, J. (2018). Thematic analysis in organisational research. **The SAGE handbook of qualitative business and management research methods: methods and challenges**.

KRIVOCHEIN, B. **Menina de Ouro de Clint Eastwood**. Zeta Filmes. Disponível em <<http://www.zetafilmes.com.br/criticas/meninadeouro.asp?pag=meninadeouro>>. Acesso em: 05 de fev. de 2023.

LIMA, M.A.D.da S. **O trabalho de enfermagem na produção de cuidados de saúde no modelo clínico**. Ribeirão Preto: USP, 1998. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1996.

LOURO, G. L.; Felipe, J. e GOELLNER, S. V. **Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MAZZONI, V. A; OLIVEIRA JUNIOR, L. J. **Lutas: da pré – história à pós-modernidade**. 2012. Disponível em: <www2.fe.usp.br/~gpef/teses/agenda_2011_04.pdf>. Acesso em: 03 de jan. de 2023

MARTINS, Carlos José; KANASHIRO, Cláudia. **Bujutsu, budô, esporte de luta**. Revista Motriz, v. 16, n.3, 2010.

MESNNER, M. A.; DUNCAN, M. C.; COOKY, C. Silence, Sports Bras, and Wrestling Porn: **Women in Televised Sports News and Highlights Shows**. Journal of Sport & Social Issues, Londres, v. 27, n. 1, p.38-51, 2003.

MIRAGAYA, A. **A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão**, Fórum olímpico, 2002. Grupo de estudos olímpicos, UGF.

MOURÃO, L. **Vozes femininas e o Esporte Olímpico no Brasil**. In: TURINO, M.;

PEREIRA, L. E. **Mulher e Esporte: um estudo sobre a influência dos Agentes de Socialização em Atletas Universitárias**. 1984. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 1984.

PINI, Mario C. **A mulher no esporte: fisiologia esportiva**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1978.

REDE DO ESPORTE. **Perfil - Rafaela Silva - Campeã Mundial de Judô**. 15 de jun. de 2015. Disponível em: <<http://rededoesporte.gov.br/pt-br/videos/perfil-rafaela-silva-campea-mundial-de-judo>>. Acesso em: 9 de fev. 2023.

Scott, J. (1988). **Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press.

SOARES, G. F.; SILVA, M. R. S. da; RIBEIRO, P. R. C. (Org.) **Corpo, Gênero e Sexualidade: Problematizando Práticas Educativas e Corporais**. Rio Grande, RS: Editora da FURG, 2006.



SO, Marcos Roberto; MARTINS, Mariana Zuaneti; BETTI, Mauro. **As relações das meninas com os saberes das lutas nas aulas de Educação Física.** *Motrivivência*, v. 30, n. 56, p. 29-48, 2018.

SOUZA, E. S.; ALTMANN, H. **Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar.** *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 19, n. 48, p.52-68, 1999.

SOUZA, Gabriela C.; MOURÃO, Ludmila. **Narrativas do Judô Feminino Brasileiro: Construção da Historiografia de 1979 a 1992.** 2006. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Gabriela%20C%20de%20Souza.pdf>>. Acesso em: 06 de fev. 2023

SOUZA, Gabriela Conceição. **Trajetórias e percepções no judô feminino brasileiro de alto rendimento.** 2016. 175 f. Tese (Doutorado Ciências do exercício e do esporte) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.2016.